



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



*Discurso na solenidade de lançamento do
Programa de Desenvolvimento do
Agronegócio do Cacau*

ILHÉUS, BA, 24 DE AGOSTO DE 2001

Senhor Governador da Bahia, César Borges; Senhor Ministro Pratini de Moraes; Senhor Presidente da Assembléia Legislativa; Senhores Parlamentares; Senadores; Líderes Geddel Vieira Lima e Jutahy Júnior, ao citá-los, eu cito a todos os deputados que me deram a satisfação de estarem aqui presentes, que me acompanharam no avião; Senhores Senadores, todos aqui já mencionados; Senhor Hilton Kruschewsky, que é o Diretor-Geral da Ceplac; Senhores Prefeitos, e me permito citar o Prefeito de Itabuna, Geraldo Simões de Oliveira, e o Prefeito de Ilhéus, Jales Ribeiro. E, ao citá-los, agradecer aos dois, porque, aqui, não sei bem em que terra estou. Eu sei que é Ilhéus, mas tem que dar um jeitinho, ou dividir um pouco com Itabuna. Ao citá-los, cito o conjunto dos Prefeitos que aqui estão; Vereadores; Deputados Estaduais; Produtores de cacau; Funcionários da Ceplac, que, no fundo, são os que contam mesmo para o dia de hoje; Senhoras e Senhores,

Permitam-me começar como começou o Governador: esta é a primeira vez que venho à Bahia após a perda de Jorge Amado.

E, sem que houvesse planejamento prévio, meus compromissos me trazem exatamente a esta região, à região de Ilhéus e Itabuna, terra natal do nosso querido e grande escritor brasileiro.

Sabemos que foi perto daqui, na então Fazenda Auricídia, Distrito de Ferradas, que nasceu Jorge Amado. E Itabuna o acompanharia vida afora, bem como Ilhéus, onde passou a morar quando ainda era criança.

A lembrança das duas cidades povoou seus livros, servindo de motivação e de inspiração para os seus enredos e para sua majestosa galeria de personagens que hoje pertencem, na verdade, à cultura do conjunto da humanidade.

Oswald de Andrade, escritor paulista – e digo ao Governador que sou carioca –, disse uma vez que os livros de Jorge Amado pareciam a ele, a Oswald, como se fossem verdadeiros *comícios*. Chegou a considerar *Jubiabá* como “o mais belo comício que o Brasil ouviu depois do *Navio Negreiro*, de Castro Alves”.

Acho que é feliz a imagem, a do nosso modernista Oswald de Andrade. E se a mim fosse solicitado caracterizar a obra de Jorge Amado, ressaltaria a ode que fez do Brasil, de suas diferentes vozes, dispostas sem hierarquia de classe, cor ou credo, bem ao gosto de quem, como ele, viveu brasileiramente, desfrutando de tudo e convivendo com todos.

Mas Jorge Amado também se refugiou no Brasil que ele melhor conhecia, ou melhor, que tão bem conhecia, como as ruas de Salvador.

Refiro-me ao mundo do cacau, a esta região que nos é trazida com tanta expressividade em livros como *Menino Grapiúna* e *Tereza Batista cansada de guerra*.

Dizem alguns que Jorge Amado foi intérprete da ascensão, do apogeu e da queda do cacau, o que me parece impreciso ou até, talvez, injusto. Jorge Amado jamais pretendeu dar por encerrada a economia ou cultura do cacau. O que fez foi narrar um ciclo histórico que sabia finito, até para que outros ciclos do cacau pudesse prosperar e alimentar os sonhos e expectativas deste povo que ele tanto amava.

É para tratar desse novo ciclo do cacau que eu, mais uma vez, estou aqui em Ilhéus. É claro que não o faço com o dom de Jorge Amado. Sou apenas um sociólogo que exerce, eventualmente, a função de Presidente. Mas procuro exercer essa função com a mesma confiança que Jorge Amado sempre teve no talento e no empenho da nossa gente.

Antes de prosseguir, eu queria, porque realmente é a primeira vez que venho à Bahia depois da morte do Jorge, fazer uma referência mais pessoal. Tentei me recordar de quando eu o vi pela primeira vez. Não tenho certeza se foi num congresso chamado de Poesia – naquele tempo, nós éramos dados a essas coisas aqui, eu era dado, em São Paulo – ou se foi num congresso de escritores. Isso terá sido no fim dos anos 40, começo dos anos 50. Não me olhe com esta cara, Deputado, porque eu era muito jovem, então. Mas já acompanhava a evolução da literatura no Brasil. Depois, quantas vezes estive com Jorge, no Brasil, no exílio, na França, na Tchecoslováquia. Todas as vezes em que eu precisei, de longe, ele e a Zélia mandaram seu apoio, sem que eu solicitasse. Todas as vezes que fui candidato, recebi uma palavra do Jorge, uma palavra da Zélia.

De modo que é com muita emoção que, ao vir aqui, minhas palavras de homenagem são a este grande baiano e este grande brasileiro que, não estando presente, neste momento, está nos olhando do céu e vendo com alegria que estamos começando um novo ciclo do cacau na terra dele, na terra do Jorge Amado.

Não vou entrar hoje, aqui, em pormenores sobre o plano que estamos lançando. O Ministro Pratini de Moraes já o fez, e com a propriedade de sempre. Eu até, se ele permite uma inconfidênci, disse baixinho a ele que ele não é candidato a Governador da Bahia, vai devagar, tal o entusiasmo que ele mostrava na recuperação da lavoura de cacau. Esse plano vem de longe, desde 1995, como disse o Governador, e eu me lembro de que era então o Governador Paulo Souto. Foi o programa de recuperação da lavoura cacaueira baiana.

Não é a primeira que venho à Ceplac. Já estive na Ceplac antes. Não me recordo, também, exatamente em que ano. Alguém me per-

guntou, ao chegar, em que qualidade eu vinha. Não sei se vim como sociólogo ou como senador, não importa. Vim como alguém preocupado com o cacau. Um grande amigo meu, hoje um pouco afastado das lides políticas, o Almino Afonso, tem um irmão que trabalhava no cacau, na Ceplac – depois foi para o Norte –, e eu tinha na minha memória essa questão. Então, sempre tive essa preocupação com a questão do cacau. Ainda hoje, no helicóptero, olhando a paisagem, vi que é uma região tão bela. O verde ganha aqui uma força que dificilmente tem em outros lugares. Há variações do verde na região, aqui, de Itabuna, de Ilhéus e não sei até onde vai essa enorme quantidade de terra verdejante que nós temos aqui. Se me permite, faz me lembrar certas variações de um grande pintor americano chamado Mark Rothko. Porque são variações ao redor da mesma cor. Aqui é como se a natureza se excedesse e vira-se arte.

De modo que acredito que esse sentimento que um brasileiro tem por essa região faz com que, imediatamente, mesmo vivendo em outras plagas, como nós dois, sintamos a força desta região e a necessidade de que o Brasil preste mais atenção ao que acontece aqui e à lavoura cacaueira.

O Governador fez um resumo do que aconteceu nestes últimos tempos. O quadro chegou a ser desalentador com a questão da vasoura-de-bruxa, com a questão dos preços internacionais que foram baixando. A redução da produção chegou a ser 75%, e deixamos de ser o segundo maior produtor de cacau. E pior. Imagino o quanto Jorge Amado teria sofrido com isso, e quanto ele vai se alegrar daqui a pouco, ao ver que aqui chegavam navios carregados de cacau, quando o destino de São Jorge dos Ilhéus é ter navios que levam cacau para fora e não cacau que vem para São Jorge dos Ilhéus.

Com esta crise, evidentemente, nós perdemos, aqui, o que é mais precioso: empregos. A região perdeu empregos, perdeu divisas e perdeu a capacidade de suprir até o nosso próprio parque produtor. Tivemos que importar. Por isso, sempre dediquei atenção a este tema. Não vou repetir os números, são grandes, são volumosos, tudo feito tanto pelo Governo Federal quanto pelo

Governo estadual. Fizemos erradicar os cacauais que não são recuperáveis, diversificamos o cultivo e houve treinamento e qualificação de mão-de-obra. Agora, o mais importante. O mais importante não é o fato de que os nossos governos se tenham voltado para a região, de que os bancos tenham dado algum recurso para a região. O mais importante foi o trabalho feito na Ceplac. O salto tecnológico que permitiu, efetivamente, mudar as nossas expectativas com relação ao cacau, com novos modelos de clonagem, com adensamento dos cultivos, com material genético resistente à vassoura-de-bruxa e, portanto, podemos ter, agora, novas plantações mais sadias.

Há poucos instantes, vimos a descrição de como é feito esse processo. Sabemos que está havendo aí todo um esforço de genética na questão do genoma; a integração dos centros de pesquisa não só daqui, mas de todo o Brasil, e até de fora do Brasil, nessa busca de decodificação. Descobrimos formas novas de enxerto, de produção de variedades que sejam realmente resistentes. Enfim, isso é que serve de base para a transformação que nós vamos agora levar adiante. Isso vai, portanto, permitir que, com os recursos disponíveis, se avance. Por isso mesmo, estamos propondo este Programa de Desenvolvimento do Agronegócio do Cacau. As metas, disse já o Ministro, são ousadas. Agora, ousados também são os empresários da região, são os trabalhadores que persistem, a despeito de tudo, em viver na região, e que estão, agora, determinados a colocar essas novas tecnologias a serviço da produção, elevando a produtividade e colocando o Brasil de volta numa posição que lhe cabe de direito natural, pela natureza tão pródiga que nós temos aqui no mercado internacional.

Acreditamos que, nos próximos anos, 300 mil hectares de lavouras decadentes serão substituídos por plantações resistentes à vassoura-de-bruxa e com qualidade e variedade mais produtivas. E apraz, também, ver que se está desenvolvendo, agora, a possibilidade de fazer o plantio do cacau junto com a borracha, desenvolvendo, portanto, novas formas de rentabilidade para o produtor e permitindo, também, que a estes verdes a que já me referi, com essa sua variedade

cromática tão impressionante, ainda se agreguem outras variedades de verde mais profundo.

Essa produtividade – foi o que me disseram há pouco – deve chegar a 1.500 quilos por hectare. Quer dizer, realmente é uma revolução. Se nós tivermos uma produção não abaixo de 300 mil toneladas, vamos ter excedentes exportáveis de cerca de 200 mil toneladas. Voltamos a ter, portanto, um lugar na história mundial do cacau.

Vamos não apenas aumentar receitas, o que é muito importante. E faço um parêntese: o agronegócio brasileiro, me disse o Ministro, está dando uma renda, uma diferença entre exportação e importação de 17 bilhões de dólares. O Brasil, mais uma vez, deve tudo à agricultura e ao empenho dos seus agricultores. Mas não apenas haverá isso, como haverá o que para mim toca mais de perto: 100 mil novos postos de trabalho.

Há crises. Há crises do mundo, há crises nos países vizinhos, há crises no Brasil. Mas isso não pode nos afastar, nem a nossa agricultura, da rota de um crescimento estável, seja persistente, baseado na qualidade dos produtores, dos trabalhadores, da tecnologia que desenvolvemos e na capacidade de apoio que os nossos governos têm para poder levar adiante essas transformações.

É por isso que estamos colocando esses recursos à disposição dos homens do campo, porque eles também estão mudando sua cultura, estão mais afeiçoados ao progresso técnico, às novas modalidades de cultura, à preocupação com a competitividade, inclusive com a competitividade externa. E é por isso, também, que estamos fazendo um esforço muito grande para buscar acesso aos novos mercados, ou aos antigos mercados que sempre foram mais ou menos fechados para nós, no sistema internacional. Nós somos competitivos hoje, e nós queremos o devido retorno, seja no mercado norte-americano, seja no mercado europeu. Vamos lutar e não vamos descansar até romper a barreira dos subsídios, das práticas não tarifárias que continuam a inibir a expansão das nossas exportações.

Nesta linha, o Ministro Pratini de Moraes tem sido um guerreiro. Precisamos de guerreiros para enfrentar a grande batalha da compe-

titividade e a grande batalha do acesso aos mercados internacionais, que estão, como nós sabemos, sempre dispostos a colocar dificuldades, porque defendem os seus próprios produtores – e, muitas vezes, eles defendem através de subsídios, ou seja, de transferência de renda de gente rica – para impedir que gente menos rica possa ter acesso aos mercados, ou mesmo gente pobre, no caso dos trabalhadores brasileiros.

Nós queremos, naturalmente, continuar integrados. Não estamos querendo ficar de costas para os países desenvolvidos. Já acabou o tempo em que podíamos imaginar um país autárquico. Mas, para isso, temos que estar, também, preparados para aperfeiçoar a nossa capacidade de promoção do comércio exterior e temos que buscar, sempre, reciprocidade.

Ontem, o Ministro Sérgio Amaral, que é o novo Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, falou da sua obsessão pelas exportações. O Ministro Pratini repetiu aqui o que eu disse ontem: exportar ou morrer. Não vamos morrer. Vamos exportar. Ninguém vai morrer. Vamos exportar. Para exportar, temos que enfrentar, com muita coragem, esses desafios. Agora, quando falo nesse novo tempo, falo dos tempos que estamos vivendo na agricultura brasileira.

Vejam que nós, hoje, estamos nos aproximando dos 97 milhões de toneladas de grãos. No começo dos anos 90, produzíamos 54 milhões de toneladas de grãos. Espero que, no ano que vem, chegemos a 100 milhões de toneladas de grãos. Esse era o sonho do Brasil: alcançar os 100 milhões de toneladas de grãos. Estamos alcançando esses 100 milhões de toneladas de grãos.

O Brasil, hoje, é primeiro, segundo em quase tudo. É açúcar, é café, é soja, é gado, é laranja e por aí vai. É frango e suíno. Nós transformamos a qualidade da pecuária de gado, nós transformamos a nossa base agrícola. E a agricultura, hoje, é um setor que agrega valor. É essa agricultura, esse cacau com base tecnológica. É uma agricultura que agraga valor, que é sofisticada, que incorpora tecnologia moderna. Então, fizemos uma transformação muito grande.

Mas se fizemos tudo isso, temos que pensar, ao mesmo tempo, no povo que vive da agricultura, que vive no campo, no pequeno produtor rural, no microempresário, no trabalhador sem-terra. Porque, senão, será uma transformação incompleta a que nós estamos fazendo.

Recentemente, fui à Venezuela, por causa da extensão de uma linha elétrica do Guri, na Venezuela, para Roraima, para Boa Vista. E lá, além do Presidente da Venezuela, estava o Presidente Fidel Castro. Aí, eu disse a ele o seguinte: olhe, o Brasil fez uma reforma agrária de cerca de 20 milhões de hectares de terra. Eu desapropriei, como Presidente, 20 milhões de hectares de terra. E para que não pairasse dúvida, eu disse: isso equivale a duas Cubas. Só que fiz isso dentro da democracia, dentro da lei, respeitando os direitos, pagando títulos da dívida agrária.

Agora, estamos fazendo um programa importante também, que é o Pronaf. Ou seja, um programa de apoio ao pequeno agricultor e ao agricultor assentado. Esse programa não existia. Eu o criei. Este ano são, mais ou menos, 4 bilhões de reais postos à disposição do pequeno agricultor. Então, essa transformação que nós estamos almejando levar adiante, estamos levando, aqui, agora, nessa região do cacau, não é apenas para beneficiar os produtores, gerar divisas. O Brasil é grande. Isso é muito importante. Mas grande mesmo tem que ser o povo brasileiro. E o povo brasileiro precisa de emprego, precisa de comida, precisa de trabalho, precisa de apoio, precisa de financiamento, precisa de terra. E é o que nós estamos fazendo.

E mais, para que isso pudesse avançar de uma maneira consequente com os ideais nossos, brasileiros, de um país mais digno, nós baixamos uma medida que faz com que, pelo menos, 30% das terras e também dos recursos destinados ao Pronaf sejam dados a mulheres, às que estão na terra, porque, muitas vezes, é a mulher que está trabalhando, e não havia a tradição de dar o título de propriedade à mulher. Agora, 30% têm que ser para a mulher.

Do mesmo jeito, ordenei que 20% dos recursos do FAT fossem dados aos negros, porque precisamos recuperar as desigualdades existentes no Brasil com ações afirmativas, que façam ultrapassar

sem competição. Mas quando é possível dar condições de igualdade de competição, nós temos que reparar naqueles setores da nossa população que foram sempre postos à margem. As mulheres são a maioria e, não obstante, não tinham acesso ao título de terra, ao título de propriedade da terra. Agora, têm. E tem que, obrigatoriamente, haver uma certa proporção de mulheres que são tituladas para que, efetivamente, possamos alcançar aquilo que é necessário: assistir aos desassistidos, que são os segmentos mais vulneráveis.

Jorge Amado ficaria o tempo todo sensível a esse tipo de preocupação. Vocês não podem nem imaginar a quantidade de mensagens que recebi pela morte de Jorge Amado vindas da Bulgária, do Timor Leste, de Portugal. Vieram mensagens de toda parte. E por quê? Certamente porque ele falou de Ilhéus, porque ele falou de cacau, porque ele foi capaz de criar personagens, mas porque ele também simbolizou uma vontade de um Brasil mais igualitário, de um Brasil mais decente, de um Brasil mais próspero.

É isso, Senhores Senadores, Senhores Deputados, Prefeitos, Governadores, que nós estamos fazendo e fazendo acreditando no Brasil. Temos que acreditar no Brasil. Temos que continuar a ter essa capacidade de acreditar na nossa possibilidade de avançar mais. Sei que há dificuldades. Quem não sabe? Sei que há diferenças. Quem não sabe? Sei que há choques, há conflitos. Mas, apesar de tudo isso, devemos ter sempre um pensamento: nós, que somos mandatários do povo, não podemos deixar que os nossos particularismos, os nossos vezos pessoais, as nossas sensibilidades, ressentimentos, angústias, ou o que seja, se sobreponham ao interesse comum, ao interesse público. Eu nunca dei xeque-mate. Sempre procurei atuar pensando no Brasil. Como se diz em linguagem mais vulgar: "Engoli muito sapo." Não me arrependo. E continuarei a engolir, se for necessário. Só se for para o bem do Brasil. Sendo para o bem da Bahia, sendo para o bem do Brasil, estamos juntos, a despeito de quaisquer outras coisas. Mas nós precisamos ter esse sentimento, que é efetivo, de crença no nosso país.

Volto daqui a pouquinho para Brasília com mais crença. Vi um técnico, perguntei de onde ele era: era hondurenho. Falava português

perfeitamente bem. Portanto, já deve estar aqui há muitos anos. Vi outro daqui, ali trabalhando, com as mãos, com a cabeça, ambos doutores. Ph.D, como se chama. Reclamou do salário. Eu quase reclamei do meu, não de Presidente, de doutor que também sou. Mas isso não o fez parar no seu trabalho.

Isso é a Ceplac. Reclama, tem direito de reclamar, precisa reclamar, mas não pode parar de amar a Bahia e o Brasil. Não pode colocar sua reivindicação pessoal acima da reivindicação do conjunto da população.

É por isso que nós, hoje, tivemos a satisfação, através do Ministro Pratini, de vir pessoalmente aqui para dizer: alguma coisa foi feita. Os juros, Governador, de 8,75% são fixos. Serão fixos. Já está decidido. Os recursos já estão encaminhados. Haverá todo ano, porque é um plano de safra. Haverá todo ano, dependerá sempre, como tudo na vida, da persistência, da luta e a bancada baiana é de luta, e é preciso continuar lutando, e vai continuar lutando. Recebi, recentemente, os Deputados baianos que pediram que eu viesse aqui, que fizesse esses atos. Vai depender de luta, todo ano há luta, mas há, pelo menos, um arcabouço dentro do qual essa luta pode se desenvolver, e há uma margem de recursos que vai permitir uma continuidade nesse processo de transformação da economia cacaueira.

Quero lhes dizer, também, que esses 127 milhões, já aprovados, dependem do Senado. Aqui, há três Senadores, porque eles interferem com o nível de endividamento da Bahia. É só o que falta. Tenho certeza de que o Senado vai dar o passo necessário para que isto se concretize.

E quero dizer, também, aos funcionários, aos trabalhadores aqui, que o Ministro apresentou algumas das reivindicações, algumas das soluções para alguns de seus problemas. Sempre é insatisfatório, é natural que seja, sempre se deseja mais, mas já demos alguns passos. Não são palavras. Assinei atos. Conversei com representantes dos empregados há pouco – eu não li, ainda, o documento que me deram –, mas o que disseram é correto, é justo, querem participar do esforço de melhoria das condições de vida da população da região. Por que não?

Tem que ser assim. O Brasil irá para frente à medida que tivermos essa compreensão de que todos nós devemos estar juntos, trabalhando para que as coisas melhorem. De modo que eu posso, de antemão, dizer aos funcionários que o que for possível fazer, para que juntos trabalhem também, no que diz respeito ao Governo Federal, vamos estar juntos fazendo.

Num dia como hoje, temos que ter um pensamento só: a Bahia é maior do que todos nós; o Brasil é maior do que todos nós. Nós temos que ser servidores da Bahia e do Brasil. Eu sou. Continuarei a ser servidor do Brasil. E podem estar certos os baianos, a despeito de quaisquer fatores, de que eu vou continuar sendo um amigo da Bahia. Vou continuar trabalhando pela Bahia e trabalhando pelo Brasil.

Muito obrigado.